



Iára Pereira Matos de Menezes

Assistente social pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), cursando Psicologia na Faculdade Castro Alves (FCA), psicodramatista socioeducacional pela Associação Bahiana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama (Asbap).

173

Suely Emilia de Barros Santos

Psicóloga pela Faculdade de Filosofia do Recife (Fafire), doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), psicodramatista docente-supervisora pelo Centro de Psicodrama e Sociodrama (Ceps), docente da Universidade de Pernambuco (UPE) e da Faculdade do Vale do Ipojuca (Favip).

# PAPEL DE DIRETOR DE SOCIODRAMA: COMPETÊNCIAS E LIMITAÇÕES

## RESUMO

Neste trabalho buscou-se conceituar e caracterizar, teórica e vivencialmente, o papel de diretor de sociodrama, sua formação, suas competências e suas limitações. Ressaltou-se a importância: da ética no desempenho desse papel; da atitude de cuidador das relações entre humanos e dos fenômenos característicos de grupos sociais. A parte prática do trabalho, desenvolvida por meio do método sociodramático, ocorreu na Clínica Socializada da Associação Bahiana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo (Asbap), em Salvador (BA).

## PALAVRAS-CHAVE

Psicodrama. Sociodrama. Ética. Diretor de sociodrama. Sicionomia.

## ABSTRACT

Through reflection on theory and practice, this paper aims to conceptualize and explore the development, potentials and limitations of the role of the sociodrama director. The importance of the following aspects is emphasized: performing this role in an ethical manner; a caring attitude toward human relationships and toward the phenomena characteristic of social groups. Using the sociodramatic method, this work was carried out at the Social Clinic of the Psychodrama and Group Psychotherapy Association of Bahia (Asbap), in Salvador (BA).



## KEYWORDS

Psychodrama. Sociodrama. Ethics. Sociodrama director. Socionomy.

## INTRODUÇÃO

Nos cursos de formação em Psicodrama, durante as aulas teóricas que abordam as diferenças entre Psicodrama e Sociodrama, é comum surgirem dúvidas e questionamentos, sobre as diferenças entre uma sessão de Psicodrama e uma sessão de Sociodrama, para os estudantes que estão se iniciando no projeto socionômico e ainda não puderam participar vivencialmente de Psicodramas e de Sociodramas.

Essas dúvidas e esses questionamentos também nos ocorreram, durante a formação em Psicodrama – no foco socioeducacional. Com a participação ativa nas sessões de Psicodrama e de Sociodrama, a dúvida sobre as diferenças se deslocou para os limites no desempenho do papel de diretor de sociodrama.

Já como profissionais na área de serviço social, com especialização em Psicodrama, vimos desenvolvendo ações sociodramáticas em vários espaços, e fazemos aqui o relato de uma dessas práticas, por meio do método sociodramático, ocorrida na Clínica Socializada da Associação Bahiana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo (Asbap), em Salvador (BA).

Nossa busca pela compreensão dos limites a que nos referimos continua, e procuramos, nesta ocasião, compartilhar nosso percurso.

Conceituamos e caracterizamos, breve e sinteticamente, teórica e vivencialmente, o papel de diretor de sociodrama, sua formação, suas competências, suas possibilidades e suas limitações. Ressaltamos a importância: da ética no desempenho desse papel; da atitude de cuidador das relações entre humanos, e dos fenômenos característicos de grupos sociais.

Para a parte prática de nossos estudos, fizemos o acompanhamento, durante o período de agosto de 2000 a maio de 2001, de um grupo cujos participantes faziam parte de uma longa lista de espera por uma vaga para fazer Psicoterapia grupal na Asbap. Nosso objetivo era dar continência à espera solitária dessas pessoas. Demos o nome de *Sala de Espera* a esse grupo.



## REVENDO OS CONCEITOS DE PSICODRAMA E SOCIODRAMA

O Psicodrama é uma ciência que busca a verdade a partir de métodos de ação, trabalhando com as relações interpessoais e os mundos privados (MORENO, 2008). De acordo com Moreno (1959), o Psicodrama faz parte de uma ciência maior chamada Socionomia, composta por três ramificações: Sociodinâmica, Sociometria e Sociatria.

“O Psicodrama é o tratamento do indivíduo e do grupo através da ação dramática. No Psicodrama de Grupo, o protagonista poderá ser um indivíduo ou o próprio grupo” (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

Moreno (1997) afirmou que o homem, por sua condição gregária, estabelece uma rede emaranhada de relações que possibilitam sua sustentação como sujeito portador essencialmente de emoções, para viver e se estabelecer em sociedade. Ele percebeu que as pessoas adoecem em sua espontaneidade e criatividade, comprometendo suas funções de emitir respostas criativas. Ao viver nessa dinâmica interativa, isolá-lo o subtrairia de sua condição humana.

O Sociodrama para Moreno (1992) consiste em um método de ação que trabalha as relações intergrupais, tem como sujeito o grupo, e no qual não há limite de participantes. A vivência dos papéis psicodramáticos poderá propiciar, em diversos níveis, a catarse de integração que é o objetivo do Sociodrama. Reñones (1996) afirmou que o fundamento da catarse de integração é dizer adeus a uma forma de estar no mundo, para integralmente adquirir um novo *modus vivendi*.

“O Sociodrama é um tipo especial de terapia na qual o protagonista é sempre o grupo e as pessoas estão reunidas enquanto mantêm alguma tarefa ou objetivo comum, por exemplo: estudar juntos, trabalhar juntos, viver juntos etc” (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

Segundo o *site* da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap) - <<http://www.febrap.org.br/portal/Default.aspx>> “Enquanto técnicas, a diferença entre o Psicodrama e o Sociodrama consiste em que no primeiro o trabalho dramático focaliza o indivíduo – embora sempre visto como um ser em relação – e no segundo focaliza o próprio grupo”.



## O PAPEL DE DIRETOR DE SOCIODRAMA

Segundo Moreno (1992) e BERMÚDEZ (1984), a estrutura do papel de diretor é diferenciada através do foco de trabalho – Psicodrama ou Sociodrama –, e em ambos ele possui três funções:

a) Produtor – coordena a montagem da produção, de forma que as necessidades pessoais e coletivas dos personagens sejam atendidas.

b) Terapeuta principal – deverá ter todo o cuidado ao dirigir a cena, dando consignas para que, dentro da sua hipótese terapêutica, não haja manipulação do resultado.

c) Analista Social – desempenha essa função durante os comentários. Os diversos sentimentos aflorados nos indivíduos e compartilhados são agregados ao comentário dos egos auxiliares e darão ao diretor subsídios para estender sua atuação à ação dramática.

## ÉTICA NO PSICODRAMA

Vários autores se reportam à ética de Moreno como sempre presente, quando este busca desbloquear comportamentos do indivíduo, em seu contexto social, que estejam cristalizados nas conservas culturais, propiciando com isso que ele não perca sua espontaneidade e sua criatividade. Sempre coerente, Moreno procura desmistificar o papel de terapeuta como único portador de um saber “do outro”, e coloca-o como parte de um todo (FOX, 2002; MORENO, 1992; ALMEIDA, 2002).

Bustos (1999) salientou que o grupo pode construir o próprio código de ética e o diretor deve respeitar esse processo, “dentro do mais sagrado preceito da arte de curar que nos indica: *‘primo non noscere’* (antes de tudo não causar dano)” (BUSTOS, 1999, p. 55).

Moreno era médico, com especialização em Psiquiatria, e utilizou o juramento de Hipócrates – 460 a 377 a.C. – para lembrar a ética do segredo profissional. Ele estendeu, então, o juramento ao grupo, para que dessa forma seus membros pudessem confiar seus segredos.

Em nossa atuação, dirigindo sociodramas e sendo também, por profissão, assistentes sociais, temos constatado que a formação ética do assistente social vai ao encontro da ética do psicodramatista, e ambas se complementam na medida em que veem o homem em seu contexto sociocultural, respeitando seus direitos e seus desejos quanto à sua



condição primeira de ser capaz de estabelecer redes sociométricas que sustentem seus vínculos e ações.

## RELATO DA EXPERIÊNCIA

O Sociodrama foi utilizado como método para intervir nas relações intergrupais e ideologias coletivas do contexto grupal, no caso a seguir relatado.

### O GRUPO SALA DE ESPERA

O cenário foi a Clínica Socializada da Associação Bahiana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo (Asbap), em Salvador (BA) e os participantes do grupo foram algumas das pessoas que constavam de uma longa lista de espera para fazer Psicoterapia de grupo.

Durante a entrevista, para a escolha dos participantes, adotamos, como critério de preferência, os sujeitos que não apresentassem síndromes psiquiátricas graves. De doze entrevistados, sete não aceitaram participar do grupo, e as cinco pessoas que aceitaram eram quatro mulheres e um homem. A faixa etária estava compreendida entre 28 e 54 anos; uma dessas pessoas era casada; outra tinha o 3º grau incompleto e os demais tinham o 2º grau completo. As profissões eram variadas.

Era um grupo aberto, que permitia a entrada e a saída de participantes, ou seja, os participantes ingressavam quando o trabalho era oferecido pela instituição e saíam por demanda espontânea ou quando surgia vaga para frequentar a Psicoterapia de grupo.

As sessões ocorreram em uma sala fechada, destinada a esse trabalho.

Ressaltamos que os nomes utilizados neste trabalho são todos fictícios para manter resguardada a identidade dos participantes.

### EM CENA: EXCERTOS DE DUAS SESSÕES

Apresentamos os excertos de duas sessões – a 10ª e a 22ª –, tendo em vista a impossibilidade de comentar todas elas, em virtude do espaço destinado a este relato.

Relataremos primeiramente a **10ª sessão**, como um exemplo de atividade sociodramática.



A angústia gerada pela espera de uma vaga para fazer a Psicoterapia em grupo, tão aguardada, foi protagonizada como tema da sessão.

Essa situação gerou constrangimento para alguns participantes, principalmente aqueles que permaneceriam no grupo. É importante mencionar que o critério de seleção estava nas mãos do profissional que disponibilizava as vagas e que tomava a decisão em conjunto com a diretora do grupo. Eles analisavam o perfil e as necessidades de cada candidato para definir quais seriam os beneficiados com o ingresso nos grupos já existentes.

No começo dessa 10ª sessão, Ângela manifestou seu descontentamento por não ter sido contemplada com uma vaga. Isaura e Denise estavam felizes porque iam começar seu acompanhamento psicoterápico. Jandira alegou não entender a discussão do tema e Fernando não se manifestou.

Com o grupo aquecido verbalmente, os componentes foram lembrados de que o trabalho grupal tinha como objetivo acolhê-los em sua angústia gerada pela espera de uma vaga para o trabalho psicoterápico. Na sequência, procedeu-se à etapa de dramatização.

O grupo construiu no palco uma sala de espera de um consultório: três pessoas assumiram o papel de pacientes, uma de médico e uma de recepcionista. Dramatizou-se a dinâmica da espera pelo atendimento e os diálogos apontaram para sentimentos coletivos: I. o aborrecimento de perceber que alguém poderia ter passado à sua frente no atendimento; II. a aceitação dessa situação a partir das explicações da recepcionista; III. o constrangimento de estar esperando um médico; IV. a facilidade para interagir com pessoas desconhecidas, por elas compartilharem da mesma situação: a espera pelo médico.

No compartilhamento, Fernando afirmou que pela primeira vez se sentia integrado em seu papel de paciente. Ele disse: *“sou um paciente que está esperando o médico, não reclamo, apesar de ficar aborrecido”*. Jandira adaptou-se bem à dinâmica da sessão, desempenhou o papel de atendente de forma descontraída e relatou ter sido *“fácil resolver os problemas dos outros”*. Denise e Isaura compuseram a cena como pacientes. Disseram ter entendido o objetivo do grupo a partir da dramatização e sentiam-se mais confortáveis em sair do grupo. Ângela desempenhou o papel de médica e compartilhou estar confortável para continuar esperando.



Destacamos, também, a 22ª sessão, por se tratar de uma situação limítrofe entre o sociodramático e o psicodramático. O tema protagonista surgiu do grupo (Sociodrama) e na dramatização o tema passou a ser dos conteúdos intrapsíquicos da protagonista (Psicodrama). Após o aquecimento, surgiu o tema protagonista: o que ocorreu no recesso de carnaval. Quando a diretora interveio para solicitar ao grupo a imagem do recesso de carnaval, uma das participantes – Ângela –, emergiu com alto nível de ansiedade e solicitou ao grupo acolhimento para si. Ao se disponibilizar para expor a sua angústia, foi acolhida tanto pela diretora quanto pelo grupo.

Ângela, então, construiu uma imagem: colocou-se em frente a um terapeuta e falou sobre três situações que achava estarem dificultando sua vida e deixando-a muito aflita.

À medida que foi relatando, Ângela foi construindo a imagem de sua família. Colocou sua mãe em pé, com a cabeça voltada para o chão com os filhos ao seu redor, exceto ela própria que ficava um pouco afastada. Colocou seu pai bastante afastado do grupo, explicando ser ele ditador e querer sempre manter a ordem familiar. Por orientação da diretora, ela foi desempenhando o papel de todos os membros da família, mas teve dificuldade de assumir o papel da mãe.

Observando-se na imagem, de fora do tablado (em seu lugar na imagem estava o ego-auxiliar), Ângela percebeu que havia colocado as mãos na cabeça, afirmando viver dessa forma até aquele instante. Resolveu modificar a imagem colocando as mãos nos olhos. Assumindo seu lugar na imagem, disse sentir-se “cega” de paixão. Naquele momento, passou a relatar que tinha um namorado que não atendeu às suas expectativas por não entender sua necessidade de voltar para casa, pois seu pai estava cego. O pai dela faleceu seis meses após seu retorno ao lar.

Continuou o relato dizendo que o namorado sumiu deixando-a com a promessa de casamento e deprimida. Ao construir a imagem desse sentimento, Ângela colocou-se deitada no chão, simbolizando sua morte. Em pé, ao seu lado, colocou o namorado com uma postura de indiferença ao seu estado. Incorporando seu papel na imagem expressou seu sentimento de abandono. Aplicou-se a técnica de inversão de papéis e quando ela estava no lugar do namorado declarou que ela estava deitada ali porque queria. Retornando ao seu papel na imagem, o ego-auxiliar assumiu o papel do namorado iniciando o diálogo.



A cena desenrolou-se com o diálogo entre Ângela e seu namorado. Ela ficou quieta, enquanto o ego-auxiliar no papel do namorado falava com ela. Após verbalizar que estava ali porque queria, ela reagiu levantando-se rapidamente e com muita raiva agrediu o namorado, esmurrando-o. Foram utilizadas almofadas para que ao bater, nem ela nem o ego-auxiliar fossem machucados.

Na elaboração do processo vivenciado, Ângela verbalizou que não tinha dimensão dessa raiva. Sentia-se humilhada, exposta como se estivesse “selada”. Explicou estar “selada” como se o abandono estivesse descrito em sua face, exposto para todos perceberem e, naquele instante da vida dela, todos já deveriam saber. Relatou, ainda, que se sentia aliviada por ter falado de sua história e também pela oportunidade de se expressar batendo no suposto namorado.

Os outros componentes do grupo reagiram de forma diversa: Jandira chorou muito e lamentou dizendo “*logo hoje que estou arrumada*”. Vânia demonstrou ter elaborado bem a situação chegando a acolher Ângela. Ieda sentiu-se bastante sensibilizada, fez comparações entre sua vida e a de Ângela. No compartilhamento, o tema abandono foi estendido ao grupo e cada um pode expressar sua opinião e sentimentos relacionados a ele.

## UMA COMPREENSÃO POSSÍVEL DOS LIMITES E DAS COMPETÊNCIAS DO PAPEL DE DIRETOR DE SOCIODRAMA

A questão do papel e da ética profissional foi destacada neste trabalho pela percepção, durante as sessões, de que muitas vezes torna-se difícil manter o limite entre o sociodramático e o psicodramático. Fica óbvio que, em uma sessão sociodramática, o conteúdo interno dos participantes do grupo é perpassado e mobilizado pelo conteúdo trabalhado no grupo, o que pode fazer vir à tona problemas que demandam o espaço psicodramático, extrapolando o espaço sociodramático.

A **10ª sessão** caracterizou-se como uma sessão sociodramática, com o tema grupal abordado. Cada participante do grupo compartilhou sua ansiedade individual tornando-a coletiva, a partir da vivência aberta, descrita anteriormente.

Na **22ª sessão** ficou claro que o limite entre o sociodramático e o





psicodramático é tênue, pois quando se está envolvido no processo, ultrapassá-lo é uma questão que pode fugir ao controle do diretor, principalmente no caso de um diretor cujo papel ainda não esteja adequadamente estruturado.

Nessa sessão, percebeu-se que a participação de Ângela desde a formação do grupo, sua necessidade premente de atendimento psicológico, bem como seus desejos de aprofundar esses conteúdos emocionais induziram à ultrapassagem do limite no papel de diretor do sociodrama, a partir do momento em que Ângela foi ao palco como protagonista individual e não como grupo, levando suas questões pessoais à cena.

A protagonista ficou exposta, possibilitando o despertar de conteúdos emocionais, o que poderia provocar-lhe uma crise, desestabilizando o papel do diretor sociodramático.

Bustos nos lembra que a adequação do papel deve ser uma busca profissional, “[...] deve estar sempre acompanhada da espontaneidade para gerar espaços respeitosos, para aonde alguém possa voltar seus sofrimentos em busca de alívio e de novas saídas [...]” (BUSTOS, 1999, p. 55).

Ficou evidente que o papel de diretor, do diretor do sociodrama, estava em desenvolvimento, quando ele não conseguiu reverter o tema do abandono de Ângela, caracterizando-o como o abandono para o grupo. Se assim tivesse feito, Ângela não teria ficado exposta em sua intimidade e estaria trabalhando o tema emergente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das 22 sessões realizadas, alguns pontos se destacaram preponderantemente, como: que o diretor de sociodrama – principalmente se atua como psicodramatista com foco socioeducacional, deve ter clareza e domínio da técnica a ser desenvolvida; os limites de abrangência temática são estabelecidos pelo diretor; quando necessário, que recorre a sessões de supervisão; o desenvolvimento do papel profissional ocorre por meio da atuação que, de maneira nenhuma, pode se sobrepor à ética profissional.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, W. C. de. Três éticas no pensamento e na ação de J. L. Moreno. In: **A ética nos grupos: contribuição do psicodrama**. São Paulo: Ágora, p. 67-77, 2002.
- BUSTOS, D. M. **Novas cenas para o psicodrama: o teste da mirada e outros temas**. São Paulo: Ágora, 1999.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2004.
- CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Código de ética do assistente social**. Lei nº 8.662/1993. Rio de Janeiro: Graffine, 1997.
- COSTA, W. G. **Socionomia como expressão de vida: um modelo de sistematização da teoria de Moreno**. Fortaleza: Fundação de Estudos e Pesquisas Socionômicas do Brasil, 1996.
- FOX, J. **O essencial de Moreno**. Textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade. São Paulo: Ágora, 2002.
- GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. de. **Lições de Psicodrama**. Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, p. 43, 1988.
- MORENO, Jacob Levi. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama. Goiânia: Dimensão, v. 1, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da Sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama. São Paulo: Daimon, Centro de Estudos do Relacionamento, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- ROJAS-BERMÚDEZ, J. G. **Que es Psicodrama**. Buenos Aires: Celcius, 1984.
- REÑONES, A. V. Catarse de integração: uma pequena viagem etimológica-conceitual. In: **Revista Brasileira de Psicodrama**, n. 2, v. 4, p. 35-48, 1996.

Iára Pereira Matos de Menezes  
Rua Anthonor Tupinabá, 183 - Pituba  
CEP 41810-680 - Salvador, BA  
Tel.: (71) 9186-1989  
lirr@terra.com.br

Suely Emilia de Barros Santos  
Rua Antonio Falcão, 634, ap. 102 - Boa Viagem  
CEP 51020-240 - Recife, PE  
Tel.: (81) 9963-8782.  
suemilia@uol.com.br

Recebido: 28/12/2012  
Aceito: 22/03/2013